



**ARQUITETURA ECLÉTICA PELOTENSE: FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO
INFORMAL PARA A PROMOÇÃO DE OLHARES CRÍTICOS E REFLEXIVOS**

**PELOTAS'S ECLECTIC ARCHITECTURE: PHOTOGRAPHY AND INFORMAL
EDUCATION TO PROMOTE CRITICAL AND REFLECTIVE VIEWS**

Hamilton Oliveira Bittencourt Junior¹
Programa de Pós-graduação em Artes UFPEL
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

A proposta desse artigo é a de problematizar o contexto sócio-histórico que implicou na urbanização da cidade de Pelotas/RS, o que culminou com a difusão arquitetônica do estilo eclético, entre os séculos XIX e XX. Fugindo de uma narrativa hegemônica, assumimos um olhar decolonial sobre as dinâmicas econômicas e sociais que propiciaram o enriquecimento de uma determinada parcela da população, pautado na exploração do trabalho escravo. A partir desses apontamentos, baseados em pesquisa bibliográfica, discutimos o papel social da arte no campo da educação informal. Defendemos também a importância da linguagem fotográfica para o despertar de olhares atentos às imbricações históricas e políticas presentes que o patrimônio histórico arquitetônico nos apresenta. O texto integra pesquisa de doutorado encaminhada no PPGArtes/UFPEL, na linha Educação em Artes e Processos de Formação Estética.

Palavras-Chave: Arquitetura eclética. Fotografia. Extremo social. Pelotas. Educação informal.

ABSTRACT

The purpose of this article is to problematize the socio-historical context that led to the urbanization of the city of Pelotas, which culminated in the architectural diffusion of the eclectic style between the 19th and 20th centuries. Escaping a hegemonic narrative, we adopt a decolonial perspective on the economic and social dynamics that led to the enrichment of a certain portion of the population, based on the exploitation of slave labor. Based on these observations, based on bibliographic research, we discuss the social role of art in the field of informal education. We also defend the importance of photographic language for the formation of spectators with critical views of the historical architectural heritage. The text is part of a doctoral research project carried out at PPGArtes/UFPEL, in the line of Education in Arts and Processes of Aesthetic Formation.).

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2021). Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (2018). Pesquisador do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq) <http://lattes.cnpq.br/2599990616374783> <https://orcid.org/0000-0002-6308-9167>.



KEYWORDS: *Eclectic Architecture; Photograph; Social extreme; City of Pelotas; Informal education.*

O artigo tem como objetivo refletir sobre o processo inicial de pesquisa de doutorado em desenvolvimento na linha *Educação em Artes e Processos de Formação Estética*, no Programa de Pós-graduação em Artes, da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Cláudia Mariza Brandão, que também supervisionou esta escrita. A fim de problematizar, amparado num ponto de vista decolonial, o simbólico manifestado pela arquitetura eclética pelotense, identificamos a manifestação de seu caráter sociológico excludente e colonialista, e as possibilidades da educação do olhar para reverter tal situação. Para isso, busca-se contextualizar o momento histórico em que se deu a urbanização da cidade, problematizando as suas implicações sociais e econômicas, abordando conceitos relativos ao papel da arte na formação de espectadores críticos e reflexivos e promovendo a educação informal do olhar.

Partindo da linguagem fotográfica como objeto de pesquisa e da arquitetura eclética como matéria prima visual, se torna fundamental investigar mais profundamente a história da cidade. Ao buscar informações sobre o estilo arquitetônico no contexto da época das construções. Chama a atenção a falta de uma cobertura mais abrangente sobre os modos de vida e os rigores aos quais foram submetidos os escravizados e, principalmente, o reconhecimento de sua parcela de contribuição para esse patrimônio histórico.

Com isso em mente, reconhecemos a necessidade de assumir um olhar decolonial que permita apontar questões sociais e suas implicações para a comunidade pelotense e sua historicidade, reconhecendo a importância da linguagem fotográfica como mediadora desse processo. Neste texto apresentamos as problematizações que embasam a pesquisa de doutoramento e que nos permitem melhor entender as inter-relações históricas entre os dados analisados futuramente.



Impulsionada pela economia baseada nas charqueadas, as principais edificações do centro da cidade de Pelotas, buscaram inspiração na arquitetura europeia. Provavelmente, devido ao fato de que a elite pelotense, formada por descendentes ou imigrantes europeus, estudou na Europa ou enviou seus filhos para isso, trazendo as tendências do velho mundo baseados na *Belle Époque* francesa, principalmente.

“Na arquitetura de Pelotas, o ecletismo historicista se desenvolveu entre os anos de 1870 e 1931 e, como na Europa, foi contemporâneo do urbanismo” (Santos, online, p. 7). Nesse período se identifica a tentativa romantizada de civilizar o espaço urbano da cidade de Pelotas, relativamente nova, fundada em 1812, como uma chancela estrutural e visualmente baseada no modelo europeu vigente. Segundo Carlos Alberto Souza (id.), a reforma urbana promovida por Haussmann¹ em Paris virou exemplo de modernidade para outras cidades europeias e também para o Brasil.

No que tange ao seu aspecto visual, o estilo eclético remete a uma coletânea de elementos provenientes de outros estilos e filosofias de lugares diversos, e que se sucederam através dos tempos, com o intuito de se legitimar como requintado ou, até mesmo, aristocrático. No Brasil do período se assumiu “a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida)” (Patetta, 1987, p.13), principalmente, pela busca de status. O estilo eclético se baseava visualmente “na adoção imitativa coerente e “correta” de formas que, no passado, haviam pertencido a um estilo arquitetônico único e preciso (a esta corrente pertenceram as mais destacadas tendências neogregas, neoegípcias e neogóticas)” (id., p. 14).

Como é possível ver na Imagem 1, o uso de apliques de capitéis e colunas nas paredes do segundo piso, sendo que não existe coluna (no sentido estrito), simplesmente pelo desejo de ornamentar, e uma mistura de outros adereços também baseados na “moda” europeia.



Imagem 1: *Clube Comercial de Pelotas*. Fotografia digital, 2025. Fotografia: Hamilton Oliveira Bittencourt Júnior.

O caráter antológico da definição de eclético, do ponto de vista de sua base filosófica, também exhibe o aspecto de ajuntamento:

Ademais, o Brasil, desde a Constituição de 1824, era católico e, sob a responsabilidade da Igreja estavam o ensino primário e secundário. No que tange o campo das ideias, este se constituía em “curioso mosaico de ideias importadas da França²”, o qual era chamado de ecletismo e não passava muito de um apanhado de ideias filosóficas e religiosas que eram tendência por lá (Porto, 2019, p.118).

Segundo Annateresa Fabris (1993, p. 136), o ideal inspirado na *Belle Époque*, nos possibilita entender melhor essa quase obsessão por um “cenário faustoso”, no qual os elementos desempenham função e cosmética “a cujos anseios responde plenamente a arquitetura de importação”. Trata-se, portanto, de um:

País mestiço que se sonha branco, país que começa a experimentar o processo industrial e já se crê plenamente moderno, o Brasil de fins do século XIX deseja romper de vez com o estatuto colonial, projetando-se integralmente num modelo econômico e cultural que lhe permitiria superar de imediato um passado com o qual não se identificava e que procura apagar (id.).



O pensamento de Fabris corrobora com o fato de os proprietários das charqueadas pelotenses ansiarem por chancela e reconhecimento, o que, inclusive, gerou títulos nobiliárquicos³ posteriormente.



Imagem 2: *Detalhe capitel coríntio*. Fotografia digital, 2025. Fotografia: Hamilton Oliveira Bittencourt Júnior.

Ao aproximar o olhar dos detalhes (Imagem 2), foto tirada de outro casarão que possuía a finalidade de ser residência, fica mais evidente a desconexão cultural entre o modelo arquitetônico importado e a realidade do local. A pergunta que surge é: Qual a finalidade de um capitel coríntio em uma residência, numa cidade relativamente nova, no período dessas construções, no sul do Brasil? A resposta é simples: Ornamento com o evidente intuito de copiar o estilo europeu para assim se legitimar como elite, elevando assim o *status* social dos proprietários.

Um aspecto muito importante nesse cenário social a ser considerado é o preço humano necessário para construir o sonho europeu em terras brasileiras. A relevância



econômica e cultural de Pelotas na virada dos séculos XIX/XX, reflexo da urbanização impulsionada pelo apogeu econômico, é devida sobretudo, à base do trabalho escravo nas charqueadas. Porém, é possível deduzir que mesmo pessoas não escravizadas estavam à mercê da desigualdade social, visto o contexto vigente:

Na cidade os pobres estavam segregados nas várzeas, nas baixadas e nos subúrbios. Cabeça “na Europa”, mãos na chibata: assim viviam os baronetes pelotenses. A modernidade aparente chegou ao início do século XX com as obras do porto, a chegada do telefone, os bondes, as caixas d’água e os chafarizes importados da França e as reformas dos jardins e praças do centro da cidade (Soares, 2001, p. 4).

Assim sendo, é possível identificar as intrínsecas questões sociais imbricadas nos processos do desenvolvimento urbano da cidade de Pelotas. Entretanto, tais questões não são facilmente identificadas por olhares desavisados e uma melhor contextualização se faz necessária.

Até pouco tempo atrás o próprio Museu da Baronesa não contemplava a contribuição negra no legado de seu patrimônio. Segundo Centeno (2024, online), a partir de 2014, na segunda edição do Dia do Patrimônio, estimulado pelo tema "Herança Cultural Africana" definido pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), o museu elaborou uma exposição representando o sincretismo religioso entre os santos católicos e as divindades de matriz africana, fato que causou algumas reações de contrariedade, mas que finalmente atenderam parcialmente as reivindicações da comunidade negra.

De um lado a riqueza e o requinte, do outro a exploração e o sofrimento. Para cada conto de réis⁴ que os charqueadores embolsavam, muito esforço e suor eram exigidos da mão-de-obra escravizada para a manufatura das *commodities* comercializadas. O lucro dessa exploração bancava o sonho “aristocrático à francesa”, todo o luxo que as famílias dos ricos almejavam e que conquistaram em boa parte:

Assim como acontecia em cidades européias, principalmente na França, Pelotas irradiava cultura, novidades e informações e recebeu um excepcional impulso em direção a um processo de modernização nas últimas décadas do século XIX, influenciada com certeza, pelos



conceitos e idéias de Paris, que era considerada o centro de um imaginário social construído pela modernidade (Peter, 2007, online).

De acordo com Jonas Moreira Vargas (2016), o Conde D'Eu, príncipe consorte casado com a Princesa Isabel, durante visita à região, reconheceu em Pelotas equivalência entre os padrões e costumes adotados pelos ricos locais e os da aristocracia do velho continente. Bom, parece inegável o “sucesso” da “aristocracia do sebo⁵”, mas a que preço? Sempre se fala muito sobre o nome dos donos das casas e charqueadas, mas e sobre quem produziu de fato com as mãos essa riqueza? A essa altura dos acontecimentos já sabemos essas respostas.

O interesse nas coisas e nas modas da França, ocupou o imaginário dos ricos do período. Paris aparece como exemplo de reforma e modernidade, e o interesse se deu também na cultura e na educação. Entretanto, o contraste social era gritante, luxo para as ricas famílias das charqueadas e seus pares; para os pobres livres e os escravizados, trabalho duro e punições severas.

A disparidade também já era grande entre os ricos e os muito ricos – quiçá então em relação aos pobres e escravizados ou recém alforriados – como pode ser visto no estudo dos inventários *post-mortem* de Pelotas, de acordo com Vargas (2012, p. 91):

Se as charqueadas proporcionaram um desenvolvimento econômico notável ao município de Pelotas no século XIX, o mesmo não veio com uma maior distribuição da riqueza gerada, mas pelo contrário. A análise dos inventários *post-mortem* revelou que um pequeno grupo de pessoas, muitas delas aparentadas, eram proprietárias de uma grande parte da riqueza no município, apresentando índices muito altos de concentração.

A desigualdade social em relação às populações mais empobrecidas começou a causar incomodo na elite. Tendo a capital Rio de Janeiro como exemplo, por onde as novas tendências europeias chegavam ao país, é possível notar um desejo de segregação em relação à população pobre e escravizada, antes mesmo do fim da escravidão. Com a Comissão de Melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro, em 1874, chefiada por Pereira Passos, se iniciou um planejamento relacionado à higiene, circulação e estética que visava também condenar espaços e práticas de caráter popular (Peter, 2007). Para a elite brasileira toda associação às práticas e costumes



dos pobres e escravizados deveria ser negada, em busca do modelo urbano europeu.

Mesmo dependendo dessa mão-de-obra para a manutenção de suas riquezas e luxos, as elites não podiam se dar ao “desprazer” do incômodo estético do ir e vir das populações exploradas. É possível imaginar que, no que se refere ao quesito sanitário, realmente uma reestruturação era necessária, mas o intuito mais sórdido de todos, é que tal reforma foi usada também como pretexto para gentrificação na base da força bruta do espaço urbano, tal como foi feito em Paris.

A cidade deve sua existência às charqueadas. E isso é uma grande ironia pelo fato de que Pelotas se tornou freguesia e depois vila — primeiramente sob o nome de São Francisco de Paula — e posteriormente cidade, por esse desenvolvimento econômico, pois o charque era utilizado para alimentar principalmente os escravizados nas minas e cafezais do sudeste, e canaviais do nordeste. Para Pelotas foram trazidos escravizados, para alimentar os escravizados de outras regiões.

A partir da proibição do tráfico de escravos, houve em um primeiro momento a inflação dos preços e a disputa pela mão-de-obra escravizada já estabelecida no país. Porém, isso começou a revelar que a produção com base na mão-de-obra escrava não se sustentaria por muito tempo.

Antes mesmo da Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, a demanda pelo charque despencou e a indústria do charque entrou em declínio, muitos charqueadores faliram, enquanto alguns muito ricos conseguiram diversificar as atividades econômicas e manter suas fortunas. Muitos recém alforriados foram mantidos ainda por um período sob contrato para pagar suas “dívidas” com seus ex-proprietários (Loner; Gill; Scheer, 2012).

A partir de 1850 se intensifica a imigração de Portugueses, Alemães, Italianos, Uruguaios, Espanhóis e Franceses, de acordo com a amostra do Registro de internação das Santas Casas de Misericórdia (Anjos, 1996). Esses imigrantes vieram a ocupar postos assalariados, predominantemente na cidade e na zona rural,



inclusive, alguns se estabeleceram como empreendedores industriais, fazendo a transição para a economia industrial em Pelotas, no final do século XIX.

Não podemos mudar o passado, mesmo sendo esse um passado de extrema violência racial. É a partir desse período que a cidade contemporânea se consolidou, e a consciência acerca da complexa rede de acontecimentos históricos e suas implicações é fundamental. O patrimônio arquitetônico pelotense é uma herança cultural que precisa ser percebida à luz da história da comunidade negra e neste processo a arte pode ser uma excelente aliada.

Frente a tal desafio questionamos: O que pode a arte para contribuir com tal conscientização? Como o caráter provocativo inerente à arte contemporânea pode ser explorado, em prol do desenvolvimento de olhares atentos, críticos e reflexivos, para com o mundo ao redor?

Na imagem 3, trago dois estudos testando algumas possibilidades gráficas, buscando uma maneira de evidenciar graficamente a questão levantada, talvez só a fotografia não dê conta de causar a reflexão proposta, começo a imaginar que alguma intervenção seja necessária.

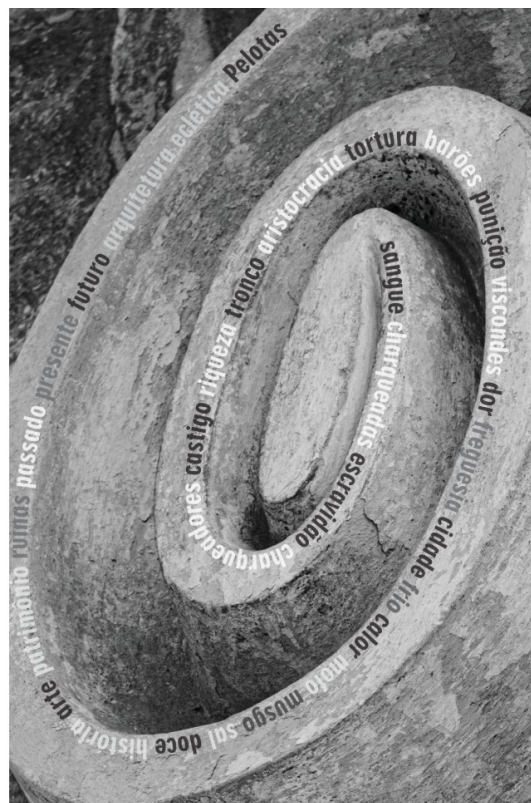


Imagem 3: *Estudos de trabalhos*. Texto sobre fotografia digital, 2025. Fotografias e composições: Hamilton Oliveira Bittencourt Júnior.

Essas são algumas das indagações que impulsionam o projeto de doutorado encaminhado no PPGArtes. E tais questões, acerca da história invisibilizada da população afrodescendente como constituinte do patrimônio cultural pelotense, podem ser estimuladas através da linguagem fotográfica no encaminhamento de processos educativos informais estimuladores de percepções críticas do mundo: “Eis aí o valor disruptivo da arte na educação, em que o aprendizado surge pelo espírito de investigação, pela interpretação dos signos da experiência” (Favaretto, 2010, p. 232).

André Rouillé (2009) argumenta que a arte fotográfica sucedeu com novo fôlego outras técnicas artísticas, principalmente na virada do milênio, para discutir questões sociais e políticas, além das formais. E logo depois ao citar novos artistas, diz: “tentam inventar práticas, formas, obras, ou seja, novas disposições que confirmem um papel ativo aos espectadores” (ibid., p. 391).



Sendo uma arte que parte primeiramente da observação, que busca os possíveis enquadramentos antes da feitura, por assim dizer, a prática fotográfica pode ajudar a “domar” o olhar, fixar o indivíduo no momento e no lugar, viver a experiência da paisagem e da imagem — por paisagem pode ser qualquer cena ou objeto — o que estiver perante ao artista-fotógrafo.

Nesse sentido, o projeto de doutoramento prevê caminhadas fotográficas pelo centro histórico da cidade de Pelotas, com o intuito de capturar detalhes da arquitetura eclética, geralmente ignorados pelos transeuntes, concedendo a eles uma posição de destaque. Refiro-me a exercícios que aproximam do olhar aquilo que não está evidente, possibilitando discussões posteriores sobre os aspectos arquitetônicos, históricos e sociais intrínsecos aos recortes.

E na continuidade do processo fotográfico, o encontro com o espectador, ainda prender a atenção de quem observa a imagem, nessa transposição daquela cena mundana para um outro lugar emoldurado, o que era banal vira objeto de interesse, levando a imaginação do espectador para aquele lugar-imagem, conscientizando e educando informalmente pelo uso da imagem fotográfica.

Mas para que isso possa acontecer, é fundamental o tempo de contemplação, pois “Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar” (Han, 2015, p. 37). Citando Nietzsche, Han (ibid. p.51) complementa: “Aprender a ver significa ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si’, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento”

Por isso, porque eu acho que à primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como o Jesus Menino do poema do Caeiro. Sua missão seria partear “olhos vagabundos”... (Alves, 2005, p.25).

Necessitamos que a experiência ocorra em seu tempo, de uma forma que se dedique uma entrega, de corpo e alma à percepção daquilo, para assim captar o espírito da obra.



O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação (Dewey, 2010, p. 123).

Hoje em dia sabemos que é difícil praticar esse exercício contemplativo tão necessário, o sistema baseado na produção capitalista quer que a gente nasça, aprenda a trabalhar, trabalhe, consuma e morra. É preciso resistir a esse sistema ou não veremos nada da vida, na vida que nos resta. E argumentamos que uma maneira possível de se alcançar isso é através do exercício da linguagem fotográfica, como disparador criativo e contemplativo, que pode despertar o interesse nos motivos a serem registrados, ao mesmo tempo apreciar o que está exposto perante de si. Como uma maneira de se desvirtuar das amarras do capital em busca de interesses poéticos e críticos, sendo assim informalmente educativo.

Encerrando a escrita, mas não a reflexão, constata-se que as questões sociais intrinsecamente atreladas à arquitetura eclética de Pelotas, obviamente além do estilo arquitetônico e da riqueza da elite do período, historicamente estão carentes de identificação, reconhecimento como marco histórico significativo e conscientização comunitária. Isso implica também em considerar e destacar a importância da comunidade negra para o desenvolvimento cultural e econômico de Pelotas.

Esse estudo se encontra no estágio inicial, ainda não tendo passado pela qualificação. A pesquisa e a poiesis se encontram nesse momento em uma fase de transformação do que foi previamente imaginado no pré-projeto. O que começou como um trabalho muito mais calcado no aspecto plástico, acabou tomando caráter de denúncia. O desafio justamente será dar a ver essa negligência da representatividade negra na contribuição no patrimônio pelotense, esse apagamento sistemático que ocorreu. E poder trazer à tona essa questão através das imagens.

A partir do levantamento histórico realizado e das constatações que dele emergem, entendemos fundamental o papel da arte como promotora de indagações e transformações para o rompimento do *status quo* hegemônico. Delineia-se, então, a



sua função como formadora de espectadores críticos e da experiência artística como estimuladora do pensamento perceptivo, sensível e consciente.

Nesse contexto, se reafirma o papel da linguagem fotográfica, seus processos e produtos, como instauradores da ação contemplativa, encaminhando reflexões e estimulando olhares críticos. Cabe destacar que tais processos tem caráter educativo informal colaborando sobremaneira para a formação de espectadores capacitados a desvelar a história e seus silenciamentos.

Referências

- ALVES, Rubem. Educação dos sentidos e mais.... São Paulo: Verus, 2005.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS. 1996.
- CENTENO, Vanessa. Museu da Baronesa renovado pela herança negra. Arte no sul, Pelotas, 9 mar. 2024. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2024/03/09/museu-da-baronesa-renovado-pela-heranca-negra/>>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- DEWEY, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.
- FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: Anais do Museu Paulista: História e cultura material. Nova Série Nº 1 São Paulo: USP, 1993.
- FAVARETTO, Celso Fernando. Arte contemporânea e educação. Revista Iberoamericana de Educación, Madri, nº 53, p. 225-235. 2010.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- LONER, Beatriz; GILL, Lorena; MAGALHÃES, Mario. (2023). Dicionário de História de Pelotas. 3ª Edição 2023
- MAGALHÃES, Mario Osorio. Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas. (1860/1890). Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1993.
- PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel/USP, 1987. p. 13.
- PETER, Glenda Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. Arquitectos, São Paulo, ano 08, n. 087.07, Vitruvius, ago. 2007 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.087/222>>.
- PORTO, Aline Carvalho. O Brasil visto a partir do Sul: a perspectiva nacionalista de João Simões Lopes Neto. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.
- ROUILLÉ, André. Fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Ed. Senac, 2009.



SANTOS, Carlos Alberto Ávila. O ecletismo historicista em Pelotas: 1870-1931. In: Ecletismo em Pelotas. Online. Disponível em: <<https://ecletismoempelotas.wordpress.com/arquitetura/>> Acesso em: 30 jun. 2024.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do Século XX. História em Revista, Pelotas, v.7, n.1, 2001.

VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). Saeculum - Revista de História, João Pessoa. 2012.

VARGAS, Jonas M. "A aristocracia do sebo" Riqueza, prestígio social e estilo de vida entre os charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, 1850-1890). Estudios Históricos -CDHRPyB- Año VIII, Diciembre 2016, Nº 17, p. 1-23

Notas

¹ Georges-Eugène Haussmann foi prefeito do antigo departamento do Sena (que incluía os atuais departamentos de Paris, Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne), entre 1853 e 1870.

² SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.20.

³ Barões do charque. Barão era o título inicial na escala hierárquica da nobreza brasileira. Seguiam-se, pela ordem, os títulos de visconde, conde, marquês e duque (nenhum deles hereditário) [...] Dez charqueadores de Pelotas receberam esse título, apenas o primeiro durante o Primeiro Reinado e apenas os dois primeiros havendo alcançado, também, o grau de visconde (Loner; Gill; Magalhães, 2023).

⁴ Conto de réis indica o valor de 1 milhão de réis equivalente a 1Kg de ouro (cotação de 1860). Disponível em: <https://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=56>

⁵ Apelido pejorativo dado pelos rio-grandinos em descontento com a instalação da alfândega em Pelotas e a disputa em relação a estrada de ferro (Magalhães, 1993).